

## EPISTEMOLOGIAS DOS ODUS E DECOLONIALIDADE AFRO-BRASILEIRA

*Eduardo Oliveira Miranda*

Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Coordenador do Grupo de Pesquisa Corpo-território, Educação e

Decolonialidade (UEFS/CNPQ).

### RESUMO

O artigo aponta caminhos para romper com as estruturas ocidentalizadas e suas consequências para os corpos-territórios subalternizados. Destarte, como estratégia política de tensionamentos, lanço, mesmo que de forma embrionária, as Epistemologias dos Odus, com o amparo filosófico de Exu, cuja finalidade busca fissurar as colonialidades e oportunizar a expansão do que batizei de Decolonialidade Afro-Brasileira.

**Palavras-chave:** Epistemologias dos Odus; Corpo-território; Decolonialidade Afro-Brasileira

### RESUMEN

El artículo apunta formas de ruptura con las estructuras occidentalizadas y sus consecuencias para los cuerpos-territorios subalternizados. Así, como estrategia política de tensiones, lanzo, aunque sea de manera embrionaria, las Epistemologías de los Odus, con el apoyo filosófico de Exu, cuyo propósito busca resquebrajar las colonialidades y crear oportunidades para la expansión de lo que denominé afro-Descolonialidad brasileña.

**Palabras Clave:** Epistemologías de los Odus; Cuerpo-territorio; Descolonialidad afrobrasileña

## EPISTEMOLOGIAS DOS ODUS

Deves ir a dezesseis lugares para saber o que significam / esses cocos de palmeira. / Em cada um desses lugares recolherá dezesseis odus. / Recolherá dezesseis histórias, dezesseis oráculos/ Cada história tem a sua sabedoria, / conselhos que podem ajudar os homens. / Vai juntando os odus / e ao final de um ano terás aprendido o suficiente. / Aprenderás dezesseis vezes dezesseis odus.

Tenho a convicção de que sou um corpo-território constituído de muitas possibilidades que ainda não pude acionar, tensionar e saber até onde consigo ir nestas vias de (in)certezas. É justamente o fato do desconhecido (inter)subjetivo que a *Decolonialidade Afro-Brasileira*<sup>10</sup> tem sido

---

10 A primeira vez que lançamos ao mundo a proposição da *Decolonialidade Afro-Brasileira* aconteceu no canal do YouTube do Grupo de Pesquisa Corpo-território, Educação e Decolonialidade (UEFS/CNPQ): <https://www.youtube.com/watch?v=DfCv-BIQWWg&t=95s>

compreendida como um dos dispositivos urgentes para intensificar a proposta do giro epistêmico e contra-colonial.

Pensar nas zonas ainda não remexidas se configura como uma estratégia de problematizar a ideologia de que todo ser humano nascido nas teias das colonialidades precisam se constituir por um horizonte único, monocultural e forjado na universalidade do existir ocidentalizado. Porém, quando partimos para as civilizações africanas, sobretudo, os grupos das diásporas que contribuíram para a construção do Brasil, verificamos a possibilidade concreta de exercitar um referencial teórico-metodológico denominado aqui de Epistemologias dos Odus, cuja finalidade pauta-se em fissurar a arquitetura das colonialidades e reforçar um campo fecundo para a ampliação da Decolonialidade Afro-Brasileira.

Para tal, abrimos nossa conversação com um itan que traz uma história centrada em Exu e alguns ensinamentos que possuem suas interpretações a depender de como cada corpo-território o compreende. Na abordagem da Decolonialidade Afro-Brasileira, o referido itan apresenta uma introdução ao pensamento de que a coexistência humana precisa ser percebida por uma característica comum a todos os grupos civilizatórios: *a incompletude cultural*<sup>11</sup>. Esta demarcação é necessária para despertar uma provocação que objetiva expandir os aportes e legados epistêmicos em suas delimitações e que ao encontrar o diferente não o enxergue a partir de uma política de inimizade. O encontro com o diferente deve ser celebrado como a viabilidade de aprender com o Outro o que ainda não se estabeleceu em territórios distintos. Ou seja, as colonialidades se perpetuam ainda hoje por causa da política de apagamento da diferença em busca da pasteurização das corporalidades. Para a ocidentalização não se aprende com o referencial divergente do seu, o que historicamente ocasiona as hierarquias na produção do conhecimento. Esta estratégia de não exercitar a incompletude cultural é extremamente elucidativa em todas as terras que sofreram e ainda são violentadas pelas ideologias das caravelas. A ocidentalização se reivindica a partir da cosmovisão e conseqüentemente tem trabalhado as redes entre as pessoas com foco no fenótipo, no visual, onde a luz alcança e consegue legitimar a ciência, o saber, a civilidade.

Firma-se um acordo colonial em não se compreender incompleto culturalmente. A Incompletude não pode fazer parte de um projeto de civilização das caravelas, posto que a embarcação não almeja aprender com a diferença, mas sim, explorar, usurpar e entregar ao mundo uma

---

11 Campo conceitual abordado no livro *Corpo-território e Educação Decolonial* (MIRANDA, 2020): <http://proex.uefs.br/arquivos/File/EBOOKcorpoterriorioeducacaodecolonialrepositorio.pdf>

sistematização do conhecimento que impossibilite pontuar a real territorialidade originária. Neste sentido, Miranda (2020, p. 111), elucida:

Pensar e pôr em prática o discurso da incompletude é traçar possibilidades para instabilizar a verticalização hierárquica historicamente reforçada na prática pedagógica. Tal hierarquia ideologicamente intensifica a educação bancária, que infelizmente, tão atual e presente nas nossas escolas. Insistir na concepção bancária tem como consequência o desperdício de sonhos, o apagamento dos desejos e voltamos novamente a verificar como a alienação corrobora para a docilização do corpo-território.

O nosso compromisso com a Decolonialidade Afro-Brasileira afirma a não linearidade no ato de existir e que as existências não se encaixem em sentidos universais, modelos cartesianos e articulados por homens que vislumbram a cultura de outros povos como incivilizados e legitimados ao apagamento. O nosso compromisso, o que aprendemos com Exu, não se fecha em caminhos coloniais. Exu nos ensina que todo corpo-território é forjado pelas energias exuísticas, as quais repercutem a boca que tem fome e que por conta disso quer devorar o mundo. Sou um corpo-território que tem a boca faminta pela diferença, que em muitos casos encontra-se perdida no meu próprio corpo, em cantos escondidos, em zonas de nebulosos conflitos. Em muitos casos só encontramos a diferença em nossa própria existência ao se deparar com o diferente externo ao meu eu, mas que tem uma exuística e aciona através da energia vital os sentidos divergentes.

A ideia da boca que tem fome, que quer comer o mundo precisa ser compreendida como uma ação decolonial afro-brasileira que antecede, em séculos, a expansão colonizadora, e que portanto, desde África já ensinava aos corpos-territórios que estes para preencher as lacunas das suas incompletudes culturais deveriam devorar o diferente. Contudo, devorar não no sentido de aniquilar. Longe disso, devorar na perspectiva de não se limitar ao campo da visão, romper a razoabilidade da cosmovisão. Devorar no sentido de cheirar, degustar, tocar, se arrepiar, mastigar, exercitar/permitir que todos os sentidos do corpo sejam revirados. Este movimento é um convite para ter as experiências epistêmicas que não subjagam as outras culturas apenas ao visual e determinar o que pode e o que não pertence ao Outro, ao diferente.

Com isso, o itan que abre a seção é um convite para não mais repercutir os epistemicídios que são a base das colonialidades. São os assassinatos dos conhecimentos civilizatórios que nos torna, há séculos, sujeitos impossibilitados de se imaginar em outros lugares, por exemplo, o epistemicídio corrobora para que as populações negras, indígenas, ciganas, corpos LGBTQ+, deficientes, não construam em seus imaginários e em grande escala a possibilidade de desmontar a pirâmide social. Exu ao convidar para devorar o mundo, ele também nos sensibiliza a constatar que as andanças por

diversos territórios é que elucida como a nossa sociedade é estruturada para fortalecer a desigualdade racial, de gênero, classe, sexualidades e demais marcadores que tentam estancar as cicatrizes das opressões.

As Epistemologias dos Odus perspectiva uma Filosofia que não busca o olimpo intocável, não se fundamenta na monocultura do saber e do criar e, para além disso, só consegue pensar o futuro ao se responsabilizar com o passado. Neste sentido, as Epistemologias dos Odus no contexto da América Latina exige, para quem busca uma outra estrutura societária, a materialização do Movimento do Sankofa. Ou seja, Sankofa é um ideograma Yorubá, um desenho que traz um pássaro com o corpo em um sentido oposto ao pescoço e a cabeça e significa: “Nunca é tarde para voltar ao passado, pegar o que ficou perdido e ressignificar o futuro”.

A mensagem evidencia que o momento atual, o agora da leitura deste texto, se configura como o presente, com forte demarcação das colonialidades. Ansiosos e ansiosas com um futuro que não mais reverbera os epistemicídios, a Decolonialidade Afro-Brasileira busca reverberar os valores civilizatórios das diásporas africanas que em muito ficou perdido, apagado e silenciado pelo cimento eurocêntrico. Contudo, não podemos deixar de reforçar que a busca do referido passado não deve e nem pode ser um compromisso dos povos subalternizados. Esta busca deve englobar todos, todas e todes que estão agora neste presente. Implicar este escavamento apenas aos corpos subalternizados exime a Branquitude, a Heteronormatividade, o Capitalismo de também se responsabilizar pela transformação e transgressão das injustiças históricas.

Ir em busca desse passado é perigoso aos detentores do poder, visto que a busca se estabelece pelo trato político da reparação. E quando foi que as colonialidades se dispuseram em reconhecer e reparar politicamente as subalternidades seculares? Com isso, a Decolonialidade Afro-Brasileira reforça o trato de que Sankofa é um movimento cultural, identitário, civilizatórios e que só pode ser estabelecido na América Latina com a presença real da hegemonia, a qual deve se despir do seu pacto sedutor e das sutilezas hierarquizantes.

Neste cenário, urge a necessidade em olhar para as contribuições da abordagem decolonial na América Latina e se questionar: qual a contribuição afro-brasileira para pensar a Educação Decolonial? Por conta disso, discutiremos na seção seguinte as encruzilhadas do que já se encontra legitimado pela abordagem decolonial com o que é caro e imprescindível para nós pesquisadores e pesquisadoras que vivemos o chão da educação no Brasil que não aceita mais o desperdício das epistemologias advindas das diásporas africanas.

## DECOLONIALIDADE AFRO-BRASILEIRA: RUPTURAS DA UNIVERSALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Anteriormente realizamos um apanhado introdutório sobre as Epistemologias dos Odus e sua relevância na criação de fissuras a serem preenchidas pelo referencial teórico-metodológico da Decolonialidade Afro-Brasileira.

Para tal, evidenciamos que a Decolonialidade Afro-Brasileira precisa ser compreendida como uma estratégia de descentralização da geopolítica do saber, do ser e do sentir o mundo. Muitos podem se questionar: como a Decolonialidade Afro-Brasileira consegue romper com a universalização das epistemes eurocêntricas? De início, a Decolonialidade Afro-Brasileira estabelece que as escrituras (grafia) do espaço (geo) não são representativas apenas do opressor, ou seja, os grupos hegemônicos podem criar vias para invisibilizar e apagar as bases filosóficas dos subalternizados, mas mesmo assim estes grupos estão (re)existindo e grafando territorialidades que reafirmam as suas organicidades. Caso contrário, não teríamos a dinamicidade e luta pelo direito de existir das casas de Candomblé, dos quilombolas, das reservas indígenas, das movimentações dos grupos ciganos, das reterritorializações dos grupos LGBTQ+, entre tantas outras formas de reinventar outras espacialidades.

A Decolonialidade Afro-Brasileira é um auto questionar constante, me autorizo a lançar algumas provocações: o meu arcabouço teórico contempla teóricos não eurocêntricos? A minha formação acadêmica e extra Universidade traz uma bagagem experiencial com grupos não legitimados pelo poder hegemônico? Como professor oportunizo problematizar a produção do mundo por vieses das culturas subalternizadas? Não esgote as minhas interpelações, mas creio que as explanadas já nos direcionam a sair da centralidade colonial para produzir a Decolonialidade Afro-Brasileira. Cabe a cada um de nós se permitir o deslocamento dos nossos espaços já ocupados e exercitar a alteridade e intentar vislumbrar o mundo pelas narrativas do outro, sobretudo, se o outro não for um corpo calcado na padronização branca, heterossexual, cristã, burguesa e patriarcal.

Além disso, convido aos interessados pela educação libertadora em estreitar os vínculos com os conceitos<sup>12</sup> criados pelos teóricos da decolonialidade: mito da fundação da modernidade; a colonialidade; o racismo epistêmico; diferença colonial; a transmodernidade; a interculturalidade crítica; pedagogia decolonial. A partir disso, elaborei, a seguir, um esboço analítico reflexivo que pode nos ajudar a repensar (não condicione como modelo padrão a ser seguido e sim como possibilidades) cada um desses conceitos dentro da Decolonialidade Afro-brasileira (Tabela 1):

---

12 Conceitos levantados pelo Professor Dr. Luiz Fernandes de Oliveira em seu livro Educação e Militância Decolonial.

**Tabela 1 – Possibilidades para a Educação Decolonial.**

Fonte: Eduardo Miranda, 2022.

Conceitos - modernidade/colonialidade	Educação Decolonial
<p><u>- Falácia da Modernidade</u></p> <p>“Para nada menos racional, finalmente, do que a afirmação de que a visão de mundo específica de um determinado grupo étnico seja imposta como racionalidade universal, embora esse grupo étnico seja chamado de Europa Ocidental. Porque isso, na verdade, é fingir para um provincianismo o título de universalidade” (QUIJANO, 1992, p.447 apud MIGNOLO, 2007, p.30).</p>	<p>O educador e a educadora precisam contestar o etnocentrismo instaurado e naturalizado durante a colonização das Américas e levar para a sala de aula que a produção do conhecimento não está pautada exclusivamente pelo viés eurocêntrico de civilização.</p> <p><u>Problemática decolonial:</u> de que forma a relação homem-natureza é compreendida pelas epistemologias produzidas nos terreiros de Candomblé?</p>
<p><u>- Colonialismo</u></p> <p>“[...] a colonialidade se refere a um padrão de poder que emergiu como resultado do colonialismo moderno, mas em vez de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, se relaciona à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça” (MALDONADO-TORRES, 2007, p. 131).</p>	<p>A partir deste conceito, a Decolonialidade Afro-brasileira pode problematizar, com ênfase nos postulados de Milton Santos, sobre a Globalização e as suas consequências neoliberais, as quais possuem origem na colonização e na contemporaneidade multiplicadas pelas ações capitalistas.</p> <p><u>Problemática decolonial:</u> como as territorialidades estigmatizadas podem ser ressignificadas pelas corporeidades LGBT+?</p>

<p><u>- Racismo epistêmico</u></p> <p>“O indígena é declarado impermeável à ética, aos valores. É, e nos atrevemos a dizer, o inimigo dos valores. Neste sentido, ele é um mal absoluto. Elemento corrosivo de tudo o que o cerca, elemento deformador, capaz de desfigurar tudo que se refere à estética ou à moral, depositário de forças maléficas” (FANON, 2003, p. 35-36).</p>	<p>Reeducar o nosso olhar através da Decolonialidade Afro-brasileira é de suma relevância no trato com as epistemologias que não tiveram ao longo dos séculos o direito a visibilidade, mas que por outro lado sempre foram usurpadas pelo poder eurocêntrico e manipulados pelas ideologias racistas de incapacidade intelectual.</p> <p><u>Problemática decolonial</u>: como as epistemologias dos povos indígenas produzem a coexistência responsável com a medicina milenar?</p>
<p><u>- Diferença colonial</u></p> <p>“A diferença colonial é fácil de entender e fundamental para entender o básico do projeto modernidade/colonialidade. Na “/” [barra] que une e separa modernidade e colonialidade, cria-se e estabelece-se a diferença colonial” (MIGNOLO, 2013).</p>	<p>Neste ponto, a Decolonialidade Afro-brasileira tem a potência em visibilizar as vozes dos subalternos, daqueles que se encontram nas entrelinhas da colonialidade.</p> <p><u>Problemática decolonial</u>: de que forma as narrativas das mulheres negras e periféricas coadunam para a compreensão das relações de poder dos territórios?</p>
<p><u>- Transmodernidade</u></p> <p>Dussel (1997, p.7): “A filosofia, patrimônio exclusivo do Mediterrâneo, desde os gregos, e na idade moderna só europeia, começa pela primeira vez seu processo de mundialização real”.</p>	<p>Neste cenário, a Decolonialidade Afro-brasileira contribui na reorganização cartográfica da geopolítica do saber, ou seja, as epistemologias dos povos subalternizados também são campos férteis de filosofias.</p> <p><u>Problemática decolonial</u>: como as filosofias dos quilombos no período escravocrata se articulam com as territorialidades político administrativas da África pré-colonial?</p>
<p><u>- Interculturalidade crítica</u></p> <p>“[...] um pensamento não baseado nos legados eurocêntricos ou da modernidade e, [...], tem sua origem no sul, dando assim uma volta à geopolítica dominante do conhecimento que tem tido seu centro no norte global. (WALSH, 2005, p. 25)</p>	<p>Mais uma vez a Decolonialidade Afro-brasileira tem a possibilidade de redirecionar a geopolítica da produção do saber e dessa vez a epistemologia valorizada parte dos grupos subalternizados.</p> <p><u>Problemática decolonial</u>: de que forma as culturas e histórias africanas, afro-brasileiras e indígenas produzem as espacialidades brasileiras?</p>

<p><u>-Pedagogia decolonial</u></p> <p>“[...]um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados” (WALSH, 2001, p. 10-11).</p>	<p>Assumir o compromisso decolonial implica que a Decolonialidade Afro-brasileira se responsabiliza a confrontar a naturalização das desigualdades filosóficas, sociológicas, culturais e educacionais que apaga os grupos subalternos.</p> <p><u>Problemática decolonial</u>: de que forma os valores civilizatórios Afro-Índio-Americano são convidados na compreensão das categorias de análise das produções científicas nas universidades?</p>
---	---

Elaborar a tabela que vos apresento só foi possível a partir do momento que permitir compreender no meu trato pedagógico ao elucidar que o cenário político deve oportunizar os movimentos de produção intelectual, posto que a sensibilidade com as pautas dos movimentos sociais precisam ser validadas em todas as esferas ao ponto das epistemologias das militância serem traduzidas para o campo dos Direitos Humanos, assim como destaca Miranda (2020, p. 129):

Por ser um processo social e legitimado pelo legado colonizador se faz de imensa valia a formação de corpo-território-docente que se compreenda como um agente político e disposto a duelar para legitimar a educação (...) que se debruce sobre África, reconheça a sua potência civilizatória, destaque as suas epistemologias e divulgue nas salas de aula da educação básica outras narrativas de representatividade positiva para crianças, jovens e adultos negros.

Destarte, por introduzir a questão dos Direitos Humanos, demarco que a minha compreensão de Educação só se faz possível se as instituições de ensino oportunizam a todes a inclusão das epistemologias que cada estudante traz das suas referidas territorialidades. Não podemos mais compactuar com uma Educação do silenciamento e apagamento.

Para tanto, ampliar a leitura de mundo por vieses para além do eurocêntrico, bem como, ter a dimensão da potência do ser educador nos conduz a problematizar uma das colocações mais utilizadas nos cursos de formação de professores: “A Educação tem o papel de formar cidadãos críticos!”. Tudo bem pensar e propor a formação de professores críticos e analíticos das realidades que se espacializam ao seu redor e em escalas mais amplas. Contudo, como tem sido articulados os diálogos entre as teorias acadêmicas para a formação de novos educadores e a concretude profissional nas escolas brasileiras? Estamos possibilitando etapas formativas que associam teorias com reais epistemologias e vice-versa?

Nesse bojo, os conceitos de mito da fundação da modernidade, a colonialidade, o racismo epistêmico, diferença colonial, a Transmodernidade, a interculturalidade crítica, a pedagogia decolonial coadunam para a compreensão da formatação da docência. Portanto, a inserção destas categorias a partir da Decolonialidade Afro-Brasileira possibilita um trato teórico analítico que se propõe a combater as colonialidades e ao mesmo tempo propor outros caminhos de reflexões políticas estruturais, sobretudo, com ações assertivas na Branquitude e seus pactos narcisistas.

Caminhando mais um pouco, encontramos nos escritos de Milton Santos outras reflexões que nos leva a acreditar na urgência e emergência da Decolonial Afro-Brasileira, sobretudo, quando o teórico provoca reflexões acerca das mutabilidades dos projetos sociais, os quais não podem partir de uma boa vontade de pequenos agentes, mas devem fazer parte das agendas das políticas públicas nas mais variadas esferas de planejamento, nos mais variados espaços de poder, pois “a vida não é um produto da Técnica, mas da Política, a ação que dá sentido à materialidade” (SANTOS, 2008, p. 39). Nesse sentido, a Decolonialidade encontra os veios necessários para se ramificar e socializar os seus ideais ao tensionar não somente os setores estatais como as mais diversificadas camadas sociais, com destaque aos subalternizados.

O ato de tensionar a partir da decolonialidade busca mexer nas intencionalidades desumanas do neoliberalismo e propor a ruptura da anestesia social que assola as atitudes dos grupos oprimidos. Por anestesia social deve-se compreender o ato de introjetar nos subalternizados, através da colonialidade, a naturalização da sua passividade, a sua submissão ao opressor, da sua incapacidade intelectual e de manifestação política. Isso me faz recordar a última visita de Angela Davis à Salvador, Bahia, ao elucidar na sua palestra a potência da mulher negra: "Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, porque tudo é desestabilizado a partir da base da pirâmide social onde se encontram as mulheres negras, muda-se a base do capitalismo". A colocação de Davis revela como a organização das espacialidades brasileiras demarcam relações de poder onde a mulher negra não tenha ou desacredite que a união entre elas pode desarticular a linearidade capitalista que sempre reduziu as mulheres negras à objetificação e fetiche do capital. Aliado à Davis aponto as colocações de outra mulher negra, a cientista social Lélia Gonzales para a qual “a tomada de consciência da opressão ocorre, antes de tudo, pelo racial”<sup>13</sup>. A perspectiva traçada pela pesquisadora é oportuno para criticar as implicações da colonialidade e ao mesmo tempo verificar como a submissão dos subalternizados produzem e condicionam as relações sociais.

---

13 Apud Luiza Bairros, 2000, p. 56

Trazer o conhecimento das intelectuais negras, Angela Davis e Lélia Gonzales, assim como do pesquisador Milton Santos, homem negro, configura na proposta da Decolonialidade Afro-Brasileira de realinhar as vias de produção do conhecimento. Para além da questão racial de quem produz o conhecimento, é a perspectiva social e humanitária que alicerça os argumentos. Ou seja, o giro decolonial (MALDONADO-TORRES, 2007) requer pesquisadores que traga em suas reflexões teóricas conjunturas epistêmicas não eurocêtricas e que viabilize e visibilize o ser, o sentir e o existir pautado em movimentos éticos, políticos e teóricos que tensione a objetividade da ciência dos últimos séculos.

Portanto, ao avaliar o atual cenário político brasileiro, me refiro ao período 2016-2022, chegamos a breve conclusão de que uma série de retrocessos estão a comprometer a democracia e a conquista pelos direitos sociais dos grupos subalternizados. Tal análise replica, novamente, na relevância em traçar teorias analíticas para o campo da Educação Decolonial. Pensando nisso, retomamos a seguinte fala do professor Milton Santos: “Desejamos integrar a sociedade brasileira de modo que, num futuro próximo, ser negro no Brasil seja, também, ser plenamente brasileiro no Brasil”<sup>14</sup>. A provocação lançada no discurso do intelectual nos convida a repensar se de fato a cidadania é garantia plena de qualquer brasileiro. Ampliando a colocação de Santos, gostaríamos que num futuro muito próximo, ser negro, gay, quilombola, candomblecista, periférico, travesti, transexual, deficiente, lésbica, indígena, entre tantos outros subalternizados, seja também, ser plenamente brasileiro.

Propomos um *Giro Decolonial de Iansã*<sup>15</sup> que traga para a Educação Decolonial ventos da Diversidade e da Diferença, das interculturalidade, assim como, a garantia dos direitos humanos a partir da legislação do Estado. Por isso, a decolonialidade nos põe em marcha, em variadas escalas de atuação, a criar posicionamentos tanto na academia, como no chão da escola e no cotidiano das nossas relações sociais. Transformação estrutural, por mais redundante que seja, só se faz possível devido aos encontros das pessoas, pelas trocas das experiências, pelas partilhas de saberes. Contudo, ao longo da encruzilhada espaço-tempo tem-se relegado a organicidade da multiplicidade humana.

Em oposição às hierarquias sociais de apagamento, novas cartografias começam a surgir e tensionar a Educação da América Latina a repensar sobre a forma e conteúdo que sustenta os seus

---

14 Trecho retirado do artigo Ser negro no Brasil hoje escrito por Milton Santos, geógrafo, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP Fonte: Folha de S. Paulo - Mais - brasil 501 d.c. - 07 de maio de 2000.

15 Perspectiva conceitual apresentada no canal do YouTube do Corpo-território, Educação e Decolonialidade (UEFS/CNPq): <https://www.youtube.com/watch?v=DfCv-BIQWWg&t=111s>

objetivos. Estamos no apogeu das cartografias insurgentes, as quais são insubmissas e se articulam para exigir das políticas públicas a inserção de temáticas sensíveis para à Educação, dentre elas: questões étnico-raciais; homofobia; violência e desigualdades sociais; gênero e sexualidade.

### **SUBSTITUIR A CONCLUSÃO POR UMA CHAMAMENTO...**

Finalizar nossa conversação deve se configurar como um chamamento para continuarmos em outras ocasiões as inscrições que busquem fortalecer as Epistemologias dos Odus enquanto estratégia política de tensionamentos dos pactos coloniais que perduram na arquitetura da estrutura brasileira.

Destarte, exigir a demarcação do Afro-Brasileiro na abordagem Decolonial tem o intuito de constranger a Branquitude-heteropatriarcal-cisgênera, que se pauta universal, para criar outros caminhos dentro do grupo teórico latino-americano que muito nos contempla. Contemplar não significa zona de conforto e não define estabilidade, apenas aponta prováveis alianças. Porém, alianças não devem apagar as diferenças, assim como, alianças não podem estabelecer que os lados das redes sentem, vivem e criam as experiências de mundo pelos mesmos veios. Aliança pode ser um território de razoáveis correlações que ao mesmo tempo andam para o horizonte comum, mas quem em algum momento as emoções, os sentimentos, as tecnologias, os marcos políticos não se atravessam, por conta disso, as alianças começam a apresentar suas limitações.

É justamente nas limitações que exigimos a demarcação da Decolonialidade Afro-Brasileira. Agradecemos aos irmãos e irmãs da América Latina, exterior ao Brasil, que desde a década de 1990 vem se esforçando para sistematizar academicamente a abordagem Decolonial e, sem esquecer, que aprender com os movimentos populares é a viabilidade para de(s)colonizar nossas estruturas socioeconômicas. Quero destacar esta lacuna com o intuito de colocar a luz que mesmo nas alianças das redes latino-americanas precisamos situar os apagamentos e silenciamentos dos povos negros e indígenas na tecitura do Brasil. Por isso, a Decolonialidade Afro-Brasileira constrange a nossa aliança com os pesquisadores e pesquisadoras de outros países da América Latina com a finalidade de disputar a constituição de uma perspectiva decolonial que atenda a história do território brasileiro. Por mais que autores e autoras do grupo Modernidade/Colonialidade se debrucem em estudar os impactos das colonialidades nas Américas não vão conseguir compreender fenômenos específicos dos territórios que os corpos negres e indígenas experimentam nas ações políticas e estruturais do Brasil.

Portanto, constranger vem como uma aposta de fissurar a própria zona de suposta estabilidade entre pares e ampliar, a partir dos territórios afro-brasileiros as demandas específicas de quem

constitui estes lócus de vida e não de marginalizações sob a lupa de quem olha em seus gabinetes de doutores(as) sobre os outros e, jamais, com Outros e Outras.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAIRROS, Luiza. “Lembrando Lelia Gonzalez”. Em WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maisa e WHITE, Evelyn C. *O livro da saúde das mulheres negras – nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro, Criola/Pallas, 2000.

DUSSEL, Enrique D. *Filosofia da libertação na América Latina*. Rio de Janeiro, 1997.

BASTIDE, R. *O Candomblé da Bahia: Rito Nagô*. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

ESCOBAR, Arturo. Mundos y conocimientos de otro modo. *Tabula Rasa*. Bogotá - Colombia, No.1: 51-86, enero-diciembre de 2003.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GROSGOUEL, Ramon. Dilemas dos estudos étnicos norte-americanos: multiculturalismo identitário, colonização disciplinar e epistemologias decoloniais. In: *Ciência e cultura*. São Paulo: v. 59, n. 2, p. 32-35, 2007.

MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias In: *Encontro de estudos multidisciplinares em Cultura*, VI, 2010. UFBA, Salvador – Bahia.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.) *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MALLON, Florencia E. “Promesa y dilema de los Estudios subalternos. Perspectivas a partir de la historia latino-americana”. In: Pablo Sandoval (Compilador) *Repensando la subalternidad*. Miradas críticas desde/sobre América Latina. Instituto de Estudios Peruanos, Lima, Peru, 2010.

MIGNOLO, Walter. *Histórias Globais/projetos Locais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter. Aesthesis decolonial. *CALLE14*, volumen 4, número 4, enero – junio de 2010.

MIRANDA, Eduardo O. *Corpo-território & Educação Decolonial: proposições afro-brasileiras na invenção da docência*. Salvador: EDUFBA, 2020.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 2.ed São Paulo, SP: Ática, 1988.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. In: CASTROGÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). *El giro decolonial*. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico científico informacional*. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

WALSH, Catherine. Interculturalidad Crítica/Pedagogia decolonial. In: *Memórias del Seminário Internacional “Diversidad, Interculturalidad y Construcción de Ciudad”*, Bogotá: Universidad Pedagógica Nacional 17-19 de abril de 2007.